

O Brasil e o BRICS Plus na nova fase da (des) globalização multipolar

Adilson Marque Gennari¹

Aline Marcondes Miglioli²

Paulo Alves de Lima Filho³

24

Resumo

Este artigo analisa a transformação geopolítica e econômica impulsionada pelo BRICS e sua expansão para o BRICS+. O BRICS, formado por economias emergentes e influenciado pelo relatório do Goldman Sachs, criou o New Development Bank (NDB) e o Arranjo de Contingente de Reservas (CRA) como alternativas ao Banco Mundial e ao FMI. A cooperação entre Rússia e China se intensificou após as sanções ocidentais e a guerra na Ucrânia. O artigo também discute a desigualdade social dentro do BRICS+ e os limites do bloco em enfrentar a Nova Ordem Mundial e o imperialismo. Conclui-se que o BRICS+ ainda opera dentro dos limites do capitalismo global, oferecendo poucas soluções substanciais para os desafios da exploração laboral e ambiental.

Palavras-chaves: BRICS; transformação geopolítica; Nova Ordem Mundial.

¹ Economista, doutor em Ciências Sociais –IFCH-UNICAMP. Professor aposentado do Departamento de Economia da UNESP Araraquara. | gennariadilson@gmail.com

² Professora do Instituto de Economia da UNICAMP | alinemiglioli@gmail.com

³ Editor da Revista Fim do Mundo. Coordenador Geral do IBEC. Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Mestre em Economia pela Universidade da Amizade dos Povos 'Patrice Lumumba' – Moscou – Rússia. | palf1951@gmail.com



Resumen

Este artículo analiza la transformación geopolítica y económica impulsada por el BRICS y su expansión hacia BRICS+. El BRICS, formado por economías emergentes e influenciado por el informe de Goldman Sachs, creó el Nuevo Banco de Desarrollo (NDB) y el Acuerdo de Reservas Contingentes (CRA) como alternativas al Banco Mundial y al FMI. La cooperación entre Rusia y China se intensificó tras las sanciones occidentales y la guerra en Ucrania. El artículo también discute la desigualdad social dentro de BRICS+ y los límites del bloque para enfrentar el Nuevo Orden Mundial y el imperialismo. Se concluye que BRICS+ aún opera dentro de los límites del capitalismo global, ofreciendo pocas soluciones sustanciales a los desafíos de la explotación laboral y ambiental.

Palabras clave: BRICS; transformación geopolítica; Nuevo Orden Mundial.

Abstract

This article analyzes the geopolitical and economic transformation driven by the BRICS and its expansion into BRICS+. The BRICS, composed of emerging economies and influenced by the Goldman Sachs report, established the New Development Bank (NDB) and the Contingent Reserve Arrangement (CRA) as alternatives to the World Bank and IMF. Cooperation between Russia and China intensified following Western sanctions and the war in Ukraine. The article also discusses social inequality within BRICS+ and the bloc's limitations in confronting the New World Order and imperialism. It concludes that BRICS+ still operates within the confines of global capitalism, offering few substantial solutions to the challenges of labor and environmental exploitation.

Keywords: BRICS; geopolitical transformation; New World Order.

Introdução

Em agosto de 2023, durante a realização da 15ª Cúpula do BRICS na África do Sul, o bloco composto pelas economias emergentes Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul anunciou decisões estratégicas que prometem reconfigurar o equilíbrio econômico e político entre seus membros e, por extensão, no cenário global. Notavelmente, a inclusão de cinco novos países e a introdução de uma moeda única para transações intrabloco destacam-se como iniciativas destinadas a consolidar e ampliar a influência do BRICS. A adoção dessa moeda única, em particular, não apenas favorece a posição estratégica da China—uma nação que tem expandido seus investimentos no Sul Global—mas também desafia a hegemonia do dólar americano e, por consequência, a supremacia econômica dos Estados Unidos e sua postura imperialista em relações internacionais.



As alterações promovidas nessa cúpula refletem as tensões e os realinhamentos observados nos últimos quatro anos, marcados por disputas acirradas entre grandes potências, como China, Rússia e Estados Unidos. Este cenário tem elevado a China a um papel de proeminência como novo ator global, alterando a dinâmica de poder tradicionalmente dominada pelos países ocidentais. Assim, é plausível considerar como hipótese de trabalho que o cerne da atual reestruturação geopolítica global reside nas transformações e contradições engendradas pela crise de hegemonia dos Estados Unidos, contrastadas pela ascensão da Eurásia e dos países do bloco expandido, agora denominado BRICS+. Este contexto é moldado pela crise estrutural do capital, que impõe desafios e oportunidades únicas para as nações emergentes.

Neste artigo, propomos uma análise crítica de diversos aspectos deste processo de transformação geopolítica. A discussão será centrada na importância renovada dos países do BRICS+, explorando tanto os elementos econômicos fundamentais quanto às problemáticas sociais inerentes a estas nações emergentes. Este exame visa contribuir para a compreensão das novas dinâmicas de poder e suas implicações para a ordem mundial contemporânea. Para isso o artigo será dividido em mais quatro sessões para além desta introdução: na seção dois discutiremos a relação entre o BRICS+ e a nova geopolítica global, na terceira seção traremos luz ao debate sobre as questões sociais no BRICS, na quarta seção debatemos os limites para enfrentamento da Nova Ordem Mundial pelo BRICS+ para por fim, travarmos uma discussão final nas conclusões.

O BRICS+ e a nova geopolítica global.

O BRICS, acrônimo para o agrupamento de 5 países, a saber, Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, teve suas origens no ano de 2006 (tendo a África do Sul ingressado no grupo em 2014). O arranjo inicial do bloco, composto por Brasil, Rússia, Índia e China formou-se a partir do convite do ministro de Relações Exteriores da Rússia para que o Brasil passasse a integrar as reuniões já em curso entre os outros três países, as quais já aconteciam pela proximidade e estratégica relação entre eles na Eurásia. O acrônimo foi primeiramente utilizado pelo economista Jim O'Neill no relatório da Goldman & Sachs n. 66 de 2001, que tinha por objetivo discutir a economia global e as relações entre o G7 e os principais países



emergentes, daí a ênfase nos países BRICS. No relatório, O’Neill já advertia que o PIB PP dos países BRICS já representava 23% do PIB global. Nos dias que correm, após duas décadas do relatório da Goldman & Sachs, o PIB do BRICS já ultrapassa os 40% do PIB global, o que representa um crescimento extraordinário, principalmente se se observar os indicadores do principal país do grupo, a China. Segundo o Banco Mundial, o PIB – PPP do BRICS de 2020 soma um total bruto de cerca de US\$ 40 trilhões.

Em 2014 a organização política e geopolítica do bloco alcançou novo patamar organizativo com a criação do *New Development Bank* (NDB) ou Banco do BRICS, que passou a funcionar em 2016 com um capital de U\$ 100 bilhões, sendo que cada participante ficou responsável por 20% do capital inicial. Outros países como Bangladesh, Emirados Árabes Unidos, Egito e na América do Sul o Uruguai, começaram a participar do banco. Todos os países do BRICS possuem projetos em diversas áreas, principalmente no campo do desenvolvimento sustentável, inovação tecnológica e meio ambiente, aprovados e em avaliação desde o início de suas atividades. O NDB propõe-se como uma verdadeira alternativa aos financiamentos do Banco Mundial, sendo que o Brasil tem atualmente mais projetos protocolados no NDB do que no BM.

Além da formalização do Banco do BRICS, no ano de 2014 também foi firmado um Tratado Internacional pelos países membros, que visam estabelecer um Arranjo de Contingente de Reservas - *Contingent Reserve Arrangement* (CRA) – que tem como objetivo complementar a rede de proteção financeira mundial, apresentando aos países membros uma alternativa às instituições multilaterais tradicionais, como o FMI e Banco Mundial, apesar de incluir condicionalidades e vínculos aos empréstimos, tal como as outras instituições (Ribeiro; Maringoni, 2019)

Na visão do CEO do Novo Banco de Desenvolvimento, Sr. Marcos Troyjo, o futuro abre novas e surpreendentes perspectivas para o Brasil em suas relações com o BRICS, já que é possível prever um novo ciclo de crescimento da demanda por commodities e o Brasil poderá aproveitar esta brecha de exportações para investir em ciência e tecnologia e endogenizar alguns setores fundamentais da ponta tecnológica atual.

O surgimento do agrupamento do BRICS no final da década de 2000 pode ser contextualizado no panorama geopolítico subsequente à recuperação da crise da bolha da internet. Durante este período, os países da periferia capitalista começaram a experimentar uma recuperação econômica



significativa, refletida em suas balanças de pagamento. Apesar das distintas formas de integração na economia global, essas nações apresentavam elevadas taxas de crescimento econômico e um considerável potencial de expansão. Paralelamente, a geopolítica internacional era marcada por uma concentração dos esforços dos Estados Unidos no Oriente Médio, focados na guerra contra o terrorismo e depois em sua própria recuperação econômica frente a crise de 2008, fez com que a formação do BRICS não fosse percebida como uma ameaça imediata ao domínio imperial americano. Importante ressaltar que, embora inicialmente o grupo do BRICS não apresentasse objetivos militares ou de defesa explícitos, ao longo do tempo, foi-se observando uma evolução em suas funções e um gradual aumento de sua influência geopolítica.

Em meio a guerra entre Rússia e Ucrânia, a Rússia recebeu diversos pacotes de sanções por parte dos EUA e da União Europeia, o que fez com que o Governo de Wladimir Putin reagisse com um conjunto de medidas para enfrentar as severas sanções. Uma das ações dos russos foi buscar estabelecer novas formas de financiar e de arcar com os pagamentos e recebimentos do comércio exterior, principalmente porque os chamados países ocidentais excluíram a Rússia do sistema Swift de pagamentos. A Rússia por sua vez buscou alternativas no sentido de utilizar o rublo no seu comércio com a União Europeia, na medida em que decidiu que os pagamentos de suas exportações de petróleo e gás seria feito diretamente e em qualquer moeda no Sberbank, ligado às grandes companhias russas. Mas uma coisa chamou-nos a atenção por evolver diretamente o Brasil.

No que diz respeito à guerra entre Rússia e a OTAN, o agrupamento frente ao BRICS tem aparecido como uma alternativa de comercialização e alinhamento geopolítico entre os países do bloco. Nem mesmo a Índia, cujo histórico de disputa territorial com a China impede qualquer tipo de alinhamento de mais longo prazo com o país, tem se mostrado comprometido com o bloco. Chama atenção que no dia 3 de março de 2022, o então vice-ministro das relações exteriores da Rússia declarou que após a chamada "operação militar especial" na Ucrânia, os países do BRICS serão o centro da nova ordem mundial que estava nascendo.

Frente ao embargo de guerra à Rússia pela OTAN e a guerra comercial protagonizada pelos Estados Unidos contra a China, nos últimos cinco anos foi possível observar uma aproximação entre os governos russos e chineses, através de uma série de cooperações financeiras e comerciais. A



China tornou-se o principal parceiro comercial da Rússia frente às sanções impostas pela OTAN e tem sido a principal compradora do gás e petróleo russo, além da compra de tecnologia de guerra russa, principal elemento da indústria russa contemporânea. Ao mesmo tempo, faz parte da estratégia chinesa a exportação de produtos manufaturados e de alta tecnologia para seu parceiro russo, inclusive produtos bélicos (Figura 1).

Figura 1. Comércio exterior da Rússia com a China em bilhões de dólares.



Fonte: BBC, 2023.

Esta forte declaração pode ser conjugada a diversas análises que colocam a questão do surgimento de um novo mundo não mais unipolar sob controle dos EUA e da OTAN, mas de uma nova globalização ou (des)globalização, onde o polo da Eurásia teria um papel preponderante ao lado da velha ordem criada no pós-segunda guerra mundial. Principalmente se considerarmos os dados recentes da economia do BRICS, com destaque para o extraordinário crescimento econômico e de desenvolvimento tecnológico da China e do espetacular desenvolvimento no campo militar da Rússia. Esta é uma questão que estará no centro dos debates doravante. No momento podemos inferir que o Brasil, como um membro pleno do BRICS e do G20 terá que se defrontar com esse novo desafio de uma nova ordem nas



relações internacionais. O que se coloca para o campo da esquerda progressista do Brasil, do BRICS e da América Latina é se em tal nova ordem global, a democracia, a autodeterminação dos povos e o próprio destino dos movimentos sociais e da classe trabalhadora pode estar entrando em uma nova fase, que necessariamente deverá contar com uma maior ênfase nas relações Sul-Sul e entre o Brasil e o BRICS. O que já sabemos é que a velha ordem não tem nada mais a oferecer senão as surradas receitas neoliberais e do FMI. A decadência das organizações de Bretton Woods é notória. Há que se debruçar sobre os novos desafios colocados para as nações de origem colonial, como o Brasil, no sentido de se perguntar qual os possíveis impactos deste novo desenho internacional tanto na nova divisão internacional do trabalho, quanto nos históricos índices de pobreza e desigualdade social que nos assolam estruturalmente há séculos.

No dia 24 de agosto de 2023, no encerramento da cúpula dos líderes do BRICS realizada na África do Sul, decidiu-se por convidar a Argentina, os Emirados Árabes Unidos, o Irã, a Arábia Saudita e a Etiópia para compor o BRICS estendido. Assim, em 1º de janeiro de 2024 o BRICS se transformou em BRICS Plus com a adesão da Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Etiópia e Irã, passando agora a ser composto por dez países. Infelizmente, a Argentina de Milei se recusa a participar.

Desde 2009, o BRICS realiza cúpulas anuais para discutir uma extensa pauta econômica, política, social e estratégica. O BRICS+ ganha cada vez maior relevo na geopolítica internacional e seu peso já se equipara ao famoso G7, ou grupo dos países mais ricos do mundo. É cada vez mais presente a ideia de que o BRICS+ se coloca como um contraponto geopolítico ao poder do império norte-americano. Principalmente se tomarmos a aliança estratégica interna ao BRICS+ representado pela China, Rússia e Irã, em relação a todos os conflitos e guerras no oeste da Ásia e também a guerra travada pela Rússia contra a OTAN em território da Ucrânia.

Apesar da força e poderio de seus membros, o BRICS+ não se constituiu e nem pretende se constituir como uma aliança militar. Seus objetivos estão mais relacionados a fazer discussões aprofundadas sobre as realidades econômicas, políticas e sociais de seus membros. Uma questão cara a alguns membros do BRICS+, especialmente a Rússia, a China e agora os Emirados Árabes, é sem dúvida o encaminhamento da proposta de desdolarização das relações econômicas, principalmente a Rússia, após os episódios de sanções



impostas pelos Estados Unidos, após a operação militar especial russa na Ucrânia. Não há dúvida de que o BRICS+ se constitui como o mais importante veículo de articulação do chamado Sul global, contra o velho predomínio do chamado Norte global, especialmente o imperialismo americano e o poder colonial da Europa.

BRICS+ e a desigualdade social.

Toda a sociedade moderna e sua necessária atividade econômica está baseada na produção de mercadorias (e serviços) na busca do excedente econômico para remunerar os detentores de capital. Está ideia simples e óbvia leva ao inevitável: a desigualdade social é uma realidade inerente à própria sociedade moderna. Alguns autores chamaram de “nova pobreza”, outros, como Amartya Sen (2000), buscam novas formas de medida da pobreza e da desigualdade social, já que esta seria uma espécie de problema que a sociedade moderna teria que lidar permanentemente. Dada a própria estrutura da sociedade, dividida entre detentores de propriedades e despossuídos, a saída para combater a pobreza e a desigualdade social se transformam num pesadelo de Sísifo. Entretanto, na ausência de um processo que revolucione toda a estrutura e coloque fim em tal processo, as políticas sociais de combate à pobreza e à desigualdade social, que nasceram no final do século XIX na Europa, tornar-se-ão presentes em praticamente todos os países de todas as partes do globo e, de algum modo, definirão o grau de sofrimento da população despossuída. São políticas sociais de saúde, educação pública, transportes, moradia, etc. E são políticas sociais de transferência de renda e renda mínima de cidadania. Todas com o objetivo de combater as “naturais” contradições da sociedade moderna e, portanto, criar um ambiente que possibilite, ao menos, a sobrevivência de grandes contingentes populacionais. No Brasil, por exemplo, praticamente metade da população carece de políticas sociais para a manutenção da própria segurança alimentar.

As contradições sociais se exacerbam na atual fase de crise estrutural na medida em que as grandes potências, principalmente EUA, Europa, China e Rússia, insistem num padrão destrutivo de acumulação ampliada, ao privilegiar a indústria do complexo industrial militar como verdadeira âncora para sustentar o famigerado crescimento de suas economias e agora, com a guerra na Ucrânia, a Rússia vem dobrando sua capacidade de produção de



armas, já tendo mais potencial bélico do que toda a OTAN. Consequentemente, mantém-se um padrão destrutivo em relação à natureza ao entender a natureza como recurso inesgotável a serviço do capital. O capital avança sobre a natureza e aos recursos indispensáveis à vida humana, como a água, através de investimentos diretos nos países do sul global e com seus *lobbies* para privatizar as companhias de água e saneamento, como é atualmente o caso da SABESP em São Paulo. Já não sabemos mais se as grandes corporações são enquadradas em atividade econômica ou crime ambiental, ou ambas, dado o potencial de destruição em curso.

Desocupação em massa e catástrofes ambientais são os corolários das duas tendências da crise estrutural do capital. E obviamente a população pobre gerada neste caldeirão demoníaco é a mais atingida pela falta de alimentos (nem estamos falando dos alimentos saudáveis) e com as enchentes e deslizamentos. Assim, pobreza econômica e crise ambiental andam de mãos juntas como problemas insolúveis dentro dos marcos da acumulação ampliada e destrutiva global. Eis o grande problema da contemporaneidade do século XXI.

Não obstante tudo isso, e sem uma alternativa humana para a crise, o grande capital, representado pelas grandes potências (G7), partem para o alargamento das fronteiras da OTAN, gerando uma crise geopolítica representada na guerra no terreno da Ucrânia e da Palestina. Os desdobramentos desta crise definirão as novas configurações geopolíticas de um mundo multipolar, mas não há nada no horizonte que aponte para uma nova forma de sociabilidade não destrutiva.

Se tomarmos os dados do índice de desenvolvimento humano, verificamos que temos três países com IDH muito alto, a saber, a Rússia, a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos. E do lado oposto, com suas populações em maior vulnerabilidade, temos a Etiópia com o IDH abaixo de 500. O Brasil, apesar de todas as suas mazelas, principalmente relacionadas a sua extrema concentração de renda, e a sua pobreza de aproximadamente 32 por cento da população, figura com um alto IDH próximo de 800.

Se considerarmos os dados do Index Mundi (2022) para a população abaixo da linha da pobreza (geralmente caracterizado por aquelas pessoas que vivem com menos de 2,15 dólares americanos por dia), vemos o Brasil em uma situação confortável, vis-à-vis aos demais países do BRICS+, com um percentual de 4,2 por cento da população em estado de miséria, algo apenas comparável com a miséria da China que é a menor dos países



considerados, com “apenas” 3,3 por cento. Este dado da China é extraordinário e pode ser creditado aos desdobramentos do após revolução comunista, já que antes da revolução a China era uma sociedade rural submetida ao saque permanente do imperialismo britânico, ou o chamado “século da humilhação”. O dado se torna alarmante se tomarmos total de pessoas miseráveis em termos absolutos, dado o tamanho da população chinesa em torno de 1 bilhão e quatrocentos milhões de pessoas. Entretanto, é preciso considerar que os países realmente afetados pela miséria são Etiópia e Egito, com quase 30 por cento de suas populações na miséria. O efeito do imperialismo e colonialismo ainda se fazem sentir de forma devastadora. No caso do Brasil, se considerarmos os dados da população em estado de pobreza, chegamos a aproximadamente 32 por cento da população em 2022, segundo dados do índice nacional de pobreza do IBGE (GOMES, 2023).

Tabela 1. BRICS PLUS Gross Domestic Product 2022 – PPP (millions of international dollars)

PAIS	PIB – 2022	População (mi)	IDH 2022	Miséria (PALP)	Coefficiente de Gini 2022
Brasil	1.920,095,78	205	0,76	4,2	52
Rússia	2.240,422,43	142,9	0,821	13,3	36
Índia	3.416,645,83	1.441,70	0,644	21,9	32,8
China	17.963,171,48	1.410,00	0,788	3,3	37,1
África do Sul	405.270,85	62,4	0,717	16,6	63
Irã	413.493,21	87,4	0,78	18,7	34,8
Arábia Saudita	1.108,571,52	33,4	0,875	nd	nd
Emirados Árabes	507.063,97	9,7	0,937	19,5	26
Etiópia	126.783,47	107,3	0,492	29,6	35
Egito	476.747,72	107,7	0,728	27,8	31,9

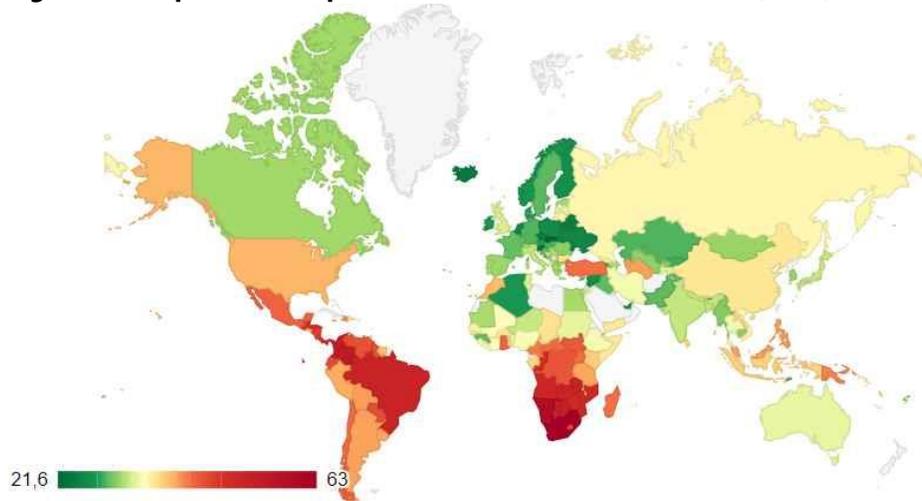
Fonte: Banco Mundial, 2024; PNUD, 2014; Index Mundi, 2022.

No que tange à concentração de renda, a ilustração abaixo deixa uma mensagem amarga: o Brasil e a África do Sul se destacam no cenário global por estarem entre os países mais desiguais do mundo. Os países em vermelho são os mais desiguais representados pelo Brasil, alguns países da Revista Fim do Mundo, nº 11, jan/jun 2024



América Central e todo o sul do continente africano. O chamado desenvolvimento econômico e o crescimento econômico nestas regiões do mundo, estão aí para atestar a falácia da ideia difundida a exaustão pelos economistas liberais, de que o crescimento econômico e o próprio desenvolvimento capitalista trariam o bem-estar e a melhoria das condições de vida para toda a população. Ao contrário, nesses países, o desenvolvimento capitalista sempre vem acompanhado com a nefasta ideia da teoria do bolo, onde a renda deveria crescer para depois ser distribuída, entretanto, nota-se que, após mais de um século de desenvolvimento capitalista moderno no Brasil, a riqueza esteve e continua a estar sempre mais concentrada nas mãos de uma parcela ínfima da população, que se confrontado com os longos cinco séculos de nossa existência, primeiro como colônia e império escravocratas, depois como república, e veremos que as tais mãos são a mesmas, as mãos das elites brancas proprietárias de terras e do capital.

Figura 2 - Mapa Mundi representando o coeficiente de Gini (2023)



Fonte: Country Economy, 2023.

Contradições do imperialismo e o significado do avanço do BRICS+.

À medida que aumenta o poderio econômico e conseqüente expansão das trocas mundiais em favor de um grupo de países, ao ponto de restringir a preeminência das potências capitalistas dominantes, é natural



que um número crescente de países decida aderir a este grupo rebelde que crescerá à medida que se mantenha o crescimento econômico deste. Esse processo ainda mais se acentua, caso esse aglomerado implique em condições econômicas e políticas mais favoráveis, mais livres e desimpedidas, contra a estreita tutela e controle do imperialismo dominante, fora do temor permanente de ver-se bloqueado por sanções e vetos, mais ou menos violentos, recorrentemente seguidos por intervenções bélicas destinadas ao enquadramento dos países indisciplinados⁴.

Imaginem os teóricos dos BRICS a possibilidade de superação, ainda que temporária, da forma imperialista intervencionista dominante e teremos o processo atual de constituição e expansão dos BRICS. Este ainda não é mais que um conglomerado político voluntário de países desejosos de uma vida econômica e política mais autodeterminada e a mais pacífica possível, não passando de um clube de países aspirantes ao livre desenvolvimento. Em certa medida, este seria o esperado caso a proposta original de Bretton Woods houvesse vingado⁵. Suponhamos que se suspenda a economia

⁴ “Según Sergey Glazyev, miembro de la Academia Rusa de Ciencias Ministro de Integración y Macroeconomía de la Unión Económica de Eurasia, asistimos a un periodo de cambio de patrones tecnológicos y mundiales que siempre va acompañado de crisis económicas estructurales y guerras, respectivamente. El cambio de patrones tecnológicos comienza con un aumento de los precios de la energía, tras el cual las economías de los países desarrollados se sumergen en una depresión prolongada de la cual se sale por una “tormenta de innovaciones”. Durante ese período las tensiones político-militares se intensifican y la carrera armamentista impulsa a la economía a entrar en una nueva y larga ola de crecimiento basada en un nuevo orden tecnológico. Glazyev sostiene que hoy este periodo se está cerrando con el salto de China e India al liderazgo del desarrollo técnico y económico mundial, con base en un nuevo orden tecnológico cuyo núcleo es un complejo de tecnologías nano, bioingeniería, información, digitales, aditivas y gnitivas.(...)En definitiva, en el marco de la actual fase de “acumulación militarizada” – como la llama William I. Robinson- que a raíz del suministro masivo de armas a Ucrania dispararon las acciones de megacorporaciones militares y de seguridad estadounidenses como Raytheon, General Dynamics, Lockheed Martin, Northrop Grumman y Boeing, la manobra del estado profundo (deep state) que controla a Joe Biden pudo ser garantizar que Europa contribuya más a la OTAN, compre más material bélico al complejo militar-industrial y se encierre más e l dependència comercial y monetária impuesta por EU (Fázio, 2022).

⁵ A proposta original de Bretton Woods implicava um regime democrático de acesso ao financiamento e um regime financeiro não vinculado à predominância de uma específica moeda nacional.



política de guerra como *modus vivendi* do imperialismo em nome da autodeterminação dos povos. Essa parece ser a mensagem dos ideólogos do BRICS assim como a prática das suas potências dominantes. Não apesar da guerra da Ucrânia, mas exatamente por causa dela⁶.

É assim que o BRICS+ não passa de ser o resultado de uma deliberação de burguesias nacionais desejosas de garantir o mais livre desenvolvimento (antes de tudo econômico) de seus países, através de relações externas democráticas ou as mais democráticas possíveis sob a continuidade da relação capital. É uma organização de governos - o que delimita o seu grau democrático possível -, uma projeção de suas políticas nacionais. Nesta situação de declínio da ordem mundial capitalista vigente após a II Guerra Mundial, não é de admirar a rápida expansão do número de países postulantes a membros desse clube, assim como a efetiva expansão dos países nele aceitos. Também indica o grau de segurança dessas burguesias em seu monopólio do poder, dada a debilidade da luta de classes após a autodestruição da URSS.

O nascimento e expansão do BRICS+ aponta para a possibilidade histórica de uma nova era de surto desenvolvimentista do capitalismo, de superação da ditadura do capital financeiro sobre o capital e, conseqüentemente, sobre as nações, a impor seu *diktat* mundial, tal como ainda hoje ocorre. Uma nova era não mais sob o império das guerras neocoloniais, tal como ocorre sob o imperialismo hoje declinante⁷. Entretanto, tal suposto processo é simultâneo ao aguçamento inaudito das contradições socioeconômicas do capitalismo mundial, era de plena aproximação da situação de colapso ambiental (MARQUES, 2023) e de uma guerra atômica (CNN Brasil, 2023), época de crise estrutural do capital, da real possibilidade de pleno desenvolvimento das forças produtivas, simultânea à ampla inconsciência sobre a necessidade de transformação de uma sociedade mundial ecologicamente insustentável, Uma época, portanto, paradoxalmente contraditória, de máxima possibilidade emancipatória e de

⁶ “À medida que a guerra na Ucrânia se intensifica, começou uma nova competição sobre quem liderará o mundo. O BRICS+ é a primeira salva e nova batalha pelo poder global, mas certamente não será a última” (Prakash, 2022).

⁷ Isso se depreende dos fundamentos da teoria da transformação socioeconômica proposta por Glazyev. Ver também **ESCOBAR**, Pepe. Problemas BRICS, soluciones BRI.El viejo topo, 19/08/2023, Disponível em: <https://elviejotopo.com/topoexpress/problemas-brics-soluciones-bri/>



mínima real possibilidade de emancipação, tão próxima e tão distante de uma revolução política que operasse a transição do capitalismo a uma sociedade comunista, que realizasse a transição à extinção das mercadorias e ao controle das maiorias sobre a reprodução social e econômica. Época onde a necessidade da revolução é tão objetivamente presente e necessária quanto subjetivamente distante. Época característica do movimento simultâneo desse imbróglio conservador-revolucionário, época de transição. Porém, na ausência de força e movimento emancipatório mundial organizado, operante e consciente, época potencialmente passível de operar um profundo retrocesso histórico antidemocrático e obscurantista. Esta é, poderíamos dizer tranquilamente, a tendência maior, embora seja um fato que o grau de insuportabilidade histórica desta civilização faça ininterruptamente suceder revoluções políticas aspirantes a uma sociedade não capitalista no ex-mundo colonial ibérico.

Entretanto, a concomitância da guerra com projeções nucleares, a catástrofe em trânsito ininterrupto ao colapso ambiental, a transformação da mentira em religião vital para a expansão da auto alienação de massas (DA EMPOLI, 2023; MELO, 2020), o fluxo migratório massivo incessante em direção à Europa, a revolução microeletrônica gerando o quarto órgão da máquina e seu conseqüente potencial de multiplicação infinita as forças produtivas⁸, as múltiplas dimensões da crise socioeconômica, a marcha célere da ultradireita com cada vez mais fortes tinturas fascistas e o colapso da soberania política da Europa em prol da dominação norte-americana, colocam o continente europeu no centro de um conglomerado de contradições cuja gravidade só tende a aumentar.

Por sua vez, a ruptura política do pacto histórico de convivência democrática civilizada entre democratas e republicanos nos EUA⁹ subverte a

⁸ O quarto órgão da máquina é uma descoberta do teórico Sérgio Bacchi (2008), ao analisar a produção econômica capitalista pensada por Marx no capítulo do Capital (vol. I, cap.13) Maquinaria e grande indústria. O quarto órgão (os três órgãos, característicos da primeira fase da Revolução Industrial são: a geração de energia – o gerador - a sua transmissão - a correia transmissora e a função operativa – a máquina-ferramenta, o mecanismo transformador da matéria prima) é o órgão de controle das máquinas, gerado pela introdução da microeletrônica nos processos produtivos, processo característico desta segunda fase. Completar-se-ia, pois, a própria Revolução Industrial, já liberta das limitações tecnológicas de sua primeira fase.

⁹ Sobre a caminhada da direita e ultradireita nos EUA, vide Micklethwait (2007).



dinâmica mundial das relações entre as forças democráticas e não democráticas no interior e entre as nações capitalistas do planeta, aguçando a caminhada fascista pelo mundo (MATTEI, 2022), faz incrementar ao nível do intolerável todas as dimensões da crise estrutural do capital. Se a necessidade de uma nova civilização se impõe como urgência urgentíssima, cresce *pari passu* a sua impossibilidade subjetiva¹⁰, não nos esqueçamos, porém, dos efeitos dinâmicos regressivos incomensuráveis dessa ruptura, assim como de sua centralidade político-econômica universal.

Esse é o resumo do contexto histórico do qual o BRICS+ faz parte. Ele não aspira, pelo menos nestes momentos, a formalizar seu estatuto mundial e impor regras à comunidade internacional, à semelhança daquelas oriundas do pós-II Guerra Mundial. Como afirma um especialista, ele não passa de um clube de governos, tal qual é hoje o G7, embora se abra para facilitar e incrementar e financiar infraestrutura e outras obras de alto significado socioeconômico, assim como alcançar uma desdolarização do intercâmbio

¹⁰ “ O que é relevante neste caminho filosófico (de Marx, assim como de Spinoza e Hegel, que postula. obs. PALF)“a ação livre que pressupõe a inteligência do necessário e a capacidade de se conformar a ele é, pelo contrário, por esta mesma razão, a mais previsível que existe.”) é constantemente confirmada pela vida – portanto é de uma lógica fortíssima que hoje, face aos insuportáveis efeitos ecológicos e antropológicos da ditadura exercida pelas finanças mundializadas, faz surgir o anseio por uma civilização diferente em todos os lugares. Contudo, admitiremos a insuficiência de uma concepção de liberdade que postule uma consciência clara do que é necessário, mas que conduza à resignação ao que se diz (querer)comandar. Como materialista evolucionário, Marx vê de uma forma muito mais ampla: ação livre certamente pressupõe uma inteligência precisa do que é necessário, mas concomitante à atenção muito aberta à detecção contingente e ativa do possível, coisas acessíveis de forma muito desigual dependendo dos atores e das circunstâncias históricas, de modo que a aleatoriedade se introduz em massa na transição das lógicas submetidas às opções escolhidas. Demasiado sumário é o otimismo do Manifesto Comunista segundo o qual “o capitalismo produz os seus próprios coveiros – vemos hoje como também se os torna passivos ou os desvia para os piores becos sem saída. Não podemos, portanto, acreditar que a evidência das infâmias do capital possa, de algum modo, ser suficiente para tornar irresistíveis as escolhas do pós capitalismo – a injustiça patente da exploração do trabalho não impediu isso de forma alguma durante séculos. (...) O capitalismo apoia alegremente a sua desumanidade, mas já está tropeçando e tropeçará cada vez mais seriamente contra a crescente exigência de humanidade” (SÉVE, 2019, p. 234;235).



comercial entre seus parceiros¹¹. Não é um fórum declaradamente emancipacionista, embora pregue a autodeterminação dos povos, basta dizer que seus bancos centrais estão na mão de suas respectivas burguesias financeiras e seus funcionários adeptos da ordem dos conglomerados multinacionais¹². Toussaint nota este paradoxo, enquanto se propaga os desejos soberanistas do BRICS, suas respectivas burguesias administram o capital de acordo com os preceitos neoliberais, mantendo, com exceção da China, seus bancos centrais sob os ditames do capital financeiro (TOUSSAINT, 2024). Uwe, por sua vez, expressa os temores da EU pela perda dos controles imperialistas tradicionais e pela entrada em um mundo multipolar¹³.

¹¹ “O impulso da desdolarização tem vindo a aumentar, com a Rússia, a China e o Brasil a utilizarem cada vez mais moedas que não o dólar em transações transfronteiriças. A invasão russa da Ucrânia e as subsequentes sanções ocidentais motivaram ainda mais estes esforços. As nações do BRICS têm também explorado as possibilidades de uma criptomoeda BRICS e o alinhamento estratégico das moedas digitais do Banco Central para interoperabilidade monetária e integração econômica.” (KAVANAGH, 2023).

¹² **“A presidência russa do BRICS poderia propor uma reformulação interna do NBD este ano?”**

“Estamos fazendo o nosso melhor. Não tenho a certeza se o Ministério das Finanças compreende a gravidade disto. O presidente entende. Eu pessoalmente promovi essa ideia para ele. Mas o presidente do Banco Central e os ministros ainda pensam no velho paradigma do FMI.” (...) “do jeito que está, existe um abismo de fato entre os BRICS e o NDB.” (...) **Sobre a questão das moedas nacionais:** “Quando eu era Ministro do Comércio Exterior, há 30 anos, tentei transformar todo o nosso comércio de commodities em rublos. Argumentei com Yeltsin e outros: “temos de negociar em rublos, não em dólares”. Isso tornaria automaticamente o rublo uma moeda de reserva. Quando a Europa mudou para o euro, tive uma reunião com o Sr. Prodi e combinamos: “usaremos o euro como moeda e vocês usarão o rublo”. Depois Prodi veio ter comigo, depois de consultas, e disse: ‘Falei com o Sr. Kudrin [ex-Ministro das Finanças russo, 2000-2011], ele não me pediu para fazer do rublo uma moeda de reserva’. Isso foi sabotagem. Foi uma estupidez. Na verdade, os problemas são profundos – e continuam a persistir: O problema foram os nossos reguladores, educados pelo FMI, e o segundo problema foi a corrupção.” (ESCOBAR, 2024).

¹³ “El mundo multipolar de Vladímir Putin y Xi Jinping formula reclamos neoimperialistas sobre esferas de interés autodefinidas. No está sujeto a ninguna norma y es exactamente lo opuesto a un mundo multilateral en el que todos actúan según las mismas reglas. Esta noción de multipolaridad destruye el orden basado en
Revista Fim do Mundo, nº 11, jan/jun 2024



Considerações finais

A chamada “nova pobreza” ou pobreza moderna, fenômeno que acomete todos os cantos do planeta desde, pelo menos, o século XVI, é na verdade o resultado dos processos de expropriação e depois de permanente e crescente aumento das taxas de exploração, concomitante ao aumento do exército industrial de reserva, ou seja, é um fenômeno inerente ao processo de desenvolvimento do capitalismo.

40

O que temos de novo, na atual fase de crise estrutural do capital é uma crise estrutural nas relações sociais, provocada pelo fenômeno no qual as forças racionalizadoras são maiores do que as forças geradoras de empregos. Nesta fase de crise estrutural, a pobreza e a miséria são fenômenos que atingem todos os países, e por certo os países chamados desenvolvidos como os Estados Unidos, onde a pobreza já atinge 15 por cento de sua população trabalhadora (Index Mundi, 2022).

Os países do BRICS+ figuram em sua maioria como países de IDH alto, muito alto e médio, o que confere aos países, o que não significa que a população trabalhadora desses países viva em condições dignas de existência. As contradições do capital criam um extraordinário exército industrial de reserva com um elemento novo ditado pelas novas tecnologias da quarta revolução industrial. O fenômeno da desocupação em massa pode ser verificado em todas as partes do mundo. No Brasil ele aparece claramente na assim chamada parcela dos nem-nem, os jovens de 18 a 24 anos que nem estudam e nem trabalham. Nesta categoria está a assustadora cifra de 36 por cento dos jovens brasileiros, um país considerado de alto

reglas y reemplaza la fuerza de la ley por la ley del más fuerte. A cada líder autocrático se le garantiza libertad de acción en su propio país. (...) Un mundo multipolar puede garantizar estabilidad solo si las principales potencias colaboran. Cuando la multipolaridad no se integra al multilateralismo, el resultado es fragmentación y guerra.

Occidente, y la Unión Europea en particular, deberían ver este proceso como un tardío llamado de atención. Si la UE desea seguir siendo un actor global, debe tener claro que la multipolaridad llegó para quedarse y que el panorama estratégico probablemente se volverá aún más complicado. Para avanzar en un entorno así, será necesario que la UE vaya más allá del marco transatlántico centrado en Occidente y que se comprometa verdaderamente con los países en desarrollo.” (APTENHÖGEL, 2024)



IDH. Neste assustador quesito, o Brasil figura em segundo lugar do mundo, ficando atrás apenas da África do Sul, outro importante país do BRICS+ (AGÊNCIA BRASIL, 2024).

Os Estados Unidos da América do Norte são um dos mais extraordinários países do mundo. Com poucos séculos de existência na sociedade moderna (1600) e possuindo um dos mais interessantes povos do mundo, tem como uma de suas características mais marcantes a sua indiscutível e brutal vocação para a guerra. Senão vejamos: tendo sua origem como um vasto território desconhecido e colonizado, principalmente pelos ingleses, foi marcado logo no início pela guerra, literalmente sem fronteiras, entre os colonos e os povos indígenas. Foi um verdadeiro massacre dos povos autóctones que varreu a "América", literalmente de leste a oeste, criando as mais interessantes e igualmente brutais histórias do assim chamado "velho oeste" até chegar ao Pacífico. Foi, talvez o primeiro massacre sangrento protagonizado por aquele jovem povo da América do Norte. Este povo guerreiro ainda com sangue indígena pingando de suas mãos partiu para mais uma guerra, desta vez contra o colonizador inglês, na chamada guerra de independência no final do século XVIII, com as famosas revoltas do chá, ou chá de Boston. Povo vitorioso e dando continuidade à sua saga, dividiu-se em praticamente três camadas: o norte, que começou a experimentar as novidades do que se poderia chamar de industrialização; uma estreita faixa no centro, com a produção de alguns elementos agrícolas; e o grande sul, com uma economia e sociedade parecida com a colônia brasileira, já que caracterizada pela monocultura e pelo trabalho escravo. Não tardou para que os conflitos se acirrassem com tamanha disparidade de tipos de sociedades e de desenvolvimento entre as partes. Quando Abraham Lincoln, presidente ligado aos interesses do norte chegou ao poder, não tardou para os jovens senhores da guerra organizarem mais uma luta sangrenta entre os "norte-americanos" do Norte contra os "norte-americanos" do sul, a chamada guerra de secessão. Afora os conflitos com os mexicanos que aumentaria bastante o país, retirando partes significativas do território do derrotado. A vitória do Norte, em 1864, determinaria um caminho de desenvolvimento capitalista moderno, industrial e "liberal", sendo que no limiar do século XX, os Estados Unidos já possuíam uma indústria siderúrgica comparável à da velha Inglaterra. O século XX será dominado por guerras, sempre com a presença marcante dos "americanos". Sua influência e poder será determinante, principalmente depois da segunda



grande guerra, onde emergiu como a grande potência nuclear vencedora e como único país a ter a coragem de lançar bombas atômicas sobre seu o inimigo, traumatizando o Japão e o mundo até hoje. Os senhores da guerra agora como senhores absolutos do poder de reorganizar o mundo do pós guerra, jamais descansaram suas armas, já que logo se instalou a chamada “guerra fria” com os países comunistas. Aspecto muito interessante deste altíssimo vôo sobre a história global, foi sem dúvida a passagem do bastão do imperialismo capitalista da Inglaterra de Winston Churchill para os Estados Unidos em 1946 que vale até o presente momento, ou seja, já dura quase um século. Apesar de todo o processo imperialista desencadeado, tudo indica que a atual fase de crise estrutural do capital coincida com a crise do imperialismo estadunidense e a emergência de um mundo multipolar, com destaque para os países do BRICS+, principalmente China e Rússia. É possível afirmar que, se houver futuro, o mundo será outro após as guerras da Ucrânia e da Palestina. Sendo assim, destacamos como elementos fundamentais das contradições do atual processo histórico, a crise estrutural do capital, a crise do império americano e a ascensão da Eurásia e do BRICS+ como elementos centrais da nova geopolítica, desta vez inaugurando um mundo multipolar.

É importante notar que, a despeito dos países do BRICS terem se unido pela confluência das suas taxas de crescimento, a discrepância entre a situação social de cada um dos países passou ao largo das primeiras cúpulas do bloco. Foi somente no quarto encontro do grupo em 2011, que se declara o compromisso do bloco com relação ao desenvolvimento sustentável e no quinto encontro do grupo, em 2012, que a primeira pauta social foi debatida e incluída nos documentos do grupo. Trata-se do tema da juventude e dos problemas demográficos encontrados nestes países.

A despeito das menções nos relatórios oficiais, que chegam a ser centrais no encontro em Fortaleza de 2016, que tem como propósito “enfrentar os desafios para a humanidade, colocados pela necessidade de alcançar simultaneamente crescimento, inclusão, proteção e preservação”, o grupo não avança na elaboração de políticas específicas e conjuntas para mitigação de desigualdades entre os países. Nos documentos oficiais, o tratamento aos temas sociais parece sempre atrelado à ideia de desenvolvimento e as disparidades entre os países não parecem ser obstáculos e tampouco exercer qualquer ponderação sobre as possibilidades de atuação conjunta do bloco.



Mais recentemente, a formação do BRICS+ adiciona novos desafios à equalização destes temas dentro do bloco. O novo bloco, de maneira quase hegemônica, está pautado e fundado na degradação ambiental e uso de recursos energéticos escassos e poluentes e não oferece ao sul global uma alternativa contra hegemônica à crise ambiental do capital. Pelo contrário, reforça o tão antigo padrão de inserção do sul global na divisão internacional de trabalho, que - a despeito das intenções de não dolarização - ainda envia aos países centrais os seus recursos naturais e energéticos.

O certo é que o BRICS+ é um sistema de governos que, embora acene com uma nova era de desenvolvimento autônomo dos países nele associados, se mantém nos marcos do *diktat* do capital financeiro sob a forma de capitalismo da miséria proletária, o que nos fala sobre uma longa e complexa transição para a consecução de uma nova ordem mundial mais democrática e menos guerreira, assoberbada pela presença da guerra - antes de tudo a da Ucrânia - que flerta com o Armagedon nuclear e insuflada pelo guerreirismo irracional do bloco imperialista ocidental sob a bandeira da OTAN e com a evidência do recrudescimento da ameaça do colapso ambiental mundial. Tantas dimensões simultâneas e conflitantes torna difícil projetarmos um futuro próximo mais benfazejo e emancipador.

Conforme discutido ao longo deste artigo, o BRICS emergiu de uma reunião que, embora não tivesse um propósito claramente definido, foi caracterizada pela coincidência de os países membros pertencerem ao grupo de economias emergentes, ou seja, de renda média dentro da periferia do capital. O grupo, que curiosamente nasce de dentro das entranhas do capitalismo, através do relatório produzido pelo Goldman Sachs, acaba ganhando alguma notoriedade nas décadas passadas por apresentar-se como uma via alternativa para a mediação de interesses geopolíticos e promoção de investimento. No entanto, ressaltamos neste texto a incapacidade do bloco, na ausência de um horizonte de atuação anti-sistêmico, de fazer frente e enfrentar o imperialismo e a Nova Ordem Mundial. Representa um novo agente dentro da Ordem Existente, sem oferecer alternativas que não recaiam na exploração do trabalho e nem do meio ambiente.

Em resumo, a análise apresentada demonstra que, apesar da retórica e das promessas iniciais, o BRICS não conseguiu se consolidar como uma força transformadora capaz de desafiar as estruturas dominantes do capitalismo global. A falta de uma agenda anti-sistêmica clara e a



continuação das práticas de exploração indicam que o bloco funciona mais como uma reformulação dentro do sistema atual do que como um catalisador para uma mudança significativa. Portanto, o BRICS permanece, até o momento, como um componente da ordem econômica global existente, sem oferecer soluções substanciais para os desafios da exploração laboral e ambiental.

Referências

- AGÊNCIA BRASIL. Brasil é o 2º país com maior proporção de jovens 'nem-nem', e dado preocupa. 24/07/2023. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/agencia-brasil/2023/07/24/brasil-e-o-2-pais-com-maior-proporcao-de-jovens-nem-nem-e-dado-preocupa.htm> - Acesso 17/05/2024
- APTENHÖLGEL, Uwe. BRICS: de la ambición desarrollista al desafío geopolítico. Nueva Sociedad, nº 310, marzo-abril 2024. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/310-BRICS/> - Acesso em 28/06/2024.
- BACCHI, Sérgio. **La crisis final del capitalismo. El hombre y la máquina**, Santiago (Chile), Ernesto Carmona Editor, 2008.
- BANCO MUNDIAL. **Data**. 2024. Disponível em <https://data.worldbank.org/indicador/NY.GDP.MKTP.CD?view=chart>. Acesso em 05-mai-2024.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- ARRIGHI, G. **O longo século XX**. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1994.
- CEPAL. **Panorama Social da América Latina**. Nações Unidas, 2012.
- CEPALSTAT. Dados disponíveis em www.cepal.org. Acesso em 21 set 2018.
- CHESNAIS, F. "A globalização e o curso do capitalismo de fim de século". **Revista Economia e Sociedade**, n. 5: 1-30. Campinas: UNICAMP. Dez. 1995
- CNN Brasil. Putin diz que a Rússia está pronta para a guerra nuclear e alera EUA sobre interferência. 13/03/2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/putin-diz-que-russia-esta-pronta-para-guerra-nuclear-e-alerta-eua-sobre-interferencia/#:~:text=O%20presidente%20russo%20Vladimir%20Putin,uma%20escalada%20significativa%20do%20conflito> – Acesso em 28/06/2024.



- COUNTRY ECONOMY. Índice de Gini 2023. 2023. Disponível em: <https://pt.countryeconomy.com/demografia/indice-de-gini>. Acesso em 09 de maio de 2024.
- DA EMPOLI, Giuliano **Os engenheiros do caos: como as fake News, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições São Paulo**, Vestigio, 2020;
- ESCOBAR, Pepe. **Eurasia v. NATOstan**. Chronicles of liquid war. Livro 4/4. 2024.
- _____, Rocky Road to Dedollarization: Entrevista com Sergei Glazyev, 04/03/2024. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/geopolitica/entrevista-com-sergei-glazyev-por-pepe-escobar/> - Acesso em 28 de junho de 2024.
- FAZIO, Carlos. Hacia una geoeconomia bipolar?. El viejo topo. 5/7/2022. Disponível em [https:// elviejotopo.com/topoexpress/hacia-una-geoeconomia-bipolar/](https://elviejotopo.com/topoexpress/hacia-una-geoeconomia-bipolar/). – Acesso em 28 de junho de 2024.
- GENNARI, Adilson M. “Introdução ao pensamento de Francisco de Oliveira: um avis rara na dialética brasileira”. **Revista Fim do Mundo**, n. 1, jan-abr 2020. Marília – SP: UNESP. 2020.
- IPEA. **Políticas Sociais: acompanhamento e análise**. Edição Especial n. 13. Disponível em www.ipea.gov.br. Acesso em jan. 2014.
- GOMES, Irene. Pobreza cai para 31,6% da população em 2022, após alcançar 36,7% em 2021. Agência IBGE Notícias. 6 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38545-pobreza-cai-para-31-6-da-populacao-em-2022-apos-alcancar-36-7-em-2021> - Acesso em 28/06/2024
- IPEA. **Toward a Long-Term Strategy for BRICS**. Think Tank, s.d.
- INDEX MUNDI. População abaixo da linha da pobreza, 2022. Disponível em: <https://www.indexmundi.com/> Acesso em 26-abr-2022)
- IVO, Anete B. L. **Viver por um fio: pobreza e políticas sociais**. São Paulo: Annablume, 2008.
- KAVANAGH, Billy. BRICS Summit 2023: The Quest for a New World Order. **Impakter: Business of Sustainability**. 17/07/2023. Disponível em: <https://impakter.com/brics-summit-2023-the-quest-for-a-new-world-order/> - Acesso em 28/06/2024
- LENIN. V. I. **Imperialismo, etapa superior do capitalismo**. Campinas: Navegado Publicações, 2011.



- LUKÁCS, G. **El Asalto a La Razon**: la trayectoria del irracionalismo desde Scheling hasta Hitler. Tercera edición. Barcelona-México, D.F. Ediciones Grijalbo S. A, 1972.
- MARQUES, Luiz. Guerra e colapso socioambiental. O futuro será pior; sem paz, ele será terminal. A terra é redonda, 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/guerra-e-colapso-socioambiental/> - Acesso em 28/06/2024
- MARX, Karl. **O Capital – crítica da economia política**. Livro Segundo: o processo de circulação do capital, vol. III, 3º edição, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.
- MARX, Karl e ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**, São Paulo: CHED, 1980.
- MASON, Paul. **Pós-capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- MATTEI, Clara. **The capital order. How economists invented austerity and paved the way to fascism**. The University of Chicago Press, 2022.
- MELLO, Patrícia C. **A máquina do ódio. Notas de uma repórter sobre Fake News e violência digital**, São Paulo, Cia das Letras, 2020.
- MÉSZÁROS, István. **Produção Destrutiva e Estado Capitalista**. São Paulo: Ensaio, 1989.
- MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.
- MICKLETHWAIT (2007), John. WOOLDRIDGE, Adrian. **Una nación conservadora. El poder de la derecha en Estados Unidos**. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 2007.
- OLIVEIRA, F. O momento Lênin. **Revista Novos Estudos**, São Paulo, n.75, p.23-47, jul, 2006a.
- OLIVEIRA, F. Neoliberalismo y sectores dominantes. In: BASUALDO, E. M.; ARCEO, E. **Neoliberalismo y sectores dominantes: tendencias globales y experiencias nacionales. Buenos Aires: CLACSO**, p.274, 2006b.
- O’NEILL, Jim. “Building Better Global Economics”, **BRICs, Global Economic Paper n. 66**, nov. 2001. Disponível em: <https://www.goldmansachs.com/insights/archive/archive-pdfs/build-better-brics.pdf>. Acesso em 06-abr-2022.
- PAINE, Thomas. **Agrarian Justice**. Inglaterra: Disponível em: http://schalkenbach.org/library/henry-george/grundskyld/pdf/p_agrarian-justice.pdf. 1795
- PNUD. Relatório de desenvolvimento Humano, 2014
- PRAKASH, Abishur. How an Expanded BRICS Could Lead the World. Brics Portal. 4/06/2022. Disponível em <https://infobrics.org/post/36073> - Acesso de 28/06/2024.



- SANTOS, Boaventura de Souza. **Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cotez, 2002.
- SEN, Amartya. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- SÈVE, Lucien **Penser avec Marx aujourd’hui.” Le communisme”**. Paris, La Dispute, 2019.
- SINGER, Paul. “cidadania para todos”. In: PINSKY, Jaime & PINSKY, Carla (org.) **História da Cidadania**. São Paulo: contexto, 2008.
- SILVA, Ana C. Aguerri Borges & GENNARI, Adilson M. “Destrução ambiental e desigualdade social: dois lados do mesmo processo de desenvolvimento capitalista”. **Revista Fim do Mundo**. n. 2 mai-ago . Marília – SP: UNESP, 2020.
- TOUSSAINT, Eric. Are the BRICS and Their New Development Bank Offering Alternatives to the World Bank, the IMF and the Policies Promoted by the Traditional Imperialist Powers? Counter Punch. 24/04/2024. Disponível em: <https://www.counterpunch.org/2024/04/24/are-the-brics-and-their-new-development-bank-offering-alternatives-to-the-world-bank-the-imf-and-the-policies-promoted-by-the-traditional-imperialist-powers/> - Acesso em 28/06/2024.
- XING, Li. **The international political economy of BRICS**, Routledge, London and New York, 2019.

São Paulo, Campinas, Recife, 27 de jun. 2024

